

## **O Museu Paulista e a escrita da história de São Paulo: acervos em narrativas, na administração Affonso Taunay, 1917-1945.**

Vera Lucia Nagib Bittencourt

Museu Paulista da Universidade De São Paulo

---

**Resumo:** A intenção de minha fala é investigar dimensão instigante do trabalho de Affonso de Taunay, diretor (1917-1945) do Museu Paulista, ou seja, a musealização de acervos pessoais, que, ao serem acolhidos e “legitimados” pela instituição, se constituíram como “documentos-monumentos”, ou seja, fontes para o estudo do passado. Trata-se, portanto, de dialogar com conjunto de operações que antecedem e sucedem os procedimentos de institucionalização de acervos e coleções – quer sejam, descarte, arranjo e indexação, buscando caracterizar estes movimentos e inseri-los em dinâmicas que resultam em memória/esquecimento. Busca-se, portanto, problematizar o papel social dos museus de história, como “lugar” de escrita da História.

**Palavras-chaves:** Escrita da História; Musealização; Coleções; Acervos Pessoais.

**Abstract:** *My presentation proposes the investigation of the intriguing dimension of Affonso de Taunay’s work, as director (1917-1945) of the Paulista Museum, i.e., the musealization of private collections which, after gathered and ‘legitimized’ by the institution, were comprehended as “monuments-documents”, that is, sources for studding the past. Therefore, the intention is to dialogue with the body of operations that preceded and succeeded the procedures for institutionalization of assortments and collections – that encompasses discarding, arranging and indexing, in a search to categorize those movements and insert them in dynamics that result in memory/oblivion. What is hereby pursued, therefore, is to problematize the social work of history museums, as a “place” where History is written.*

**Key words:** *Historical Writting; Musealization; Collection; Private Assortments.*

---

Esta comunicação vem dialogar com projeto de pós-doutoramento desenvolvido junto ao Museu Paulista (também conhecido como Museu do Ipiranga), da Universidade de São Paulo (USP), com bolsa FAPESP. A proposta de pesquisa é investigar de que maneira e por quais caminhos intelectuais e historiográficos se formaram, na instituição, tanto coleções arquivísticas quanto acervos bibliográficos, iconográficos e tridimensionais e como se constituíram em emblemas para narrativas, visuais e escritas, de uma determinada interpretação e escrita da História naquele período, permanecendo, ainda, influente e referenciada.

O Museu Paulista, organizado por Regulamento de 1894, foi sediado no Monumento do Ipiranga, ainda no período do II Reinado, em São Paulo, para celebrar a monarquia e sua relação com o nascimento da nação. De acordo com lideranças políticas de São Paulo e atuantes tanto na Província quanto na Corte era importante marcar o local, junto ao riacho do Ipiranga, onde o Príncipe D. Pedro teria proclamado a Independência do Brasil. No entanto, a proclamação da República, em 1889, trouxe importantes desdobramentos para as obras que haviam sido iniciadas em 1885. Assim, em 1890, as obras do monumento foram consideradas como finalizadas, ainda que o projeto do arquiteto Tomazzo Bezzi não tivesse sido totalmente completado.



*Museu Paulista da Universidade de São Paulo, sediado no Monumento do Ipiranga – São Paulo/Brasil.*

Em 7 de setembro de 1895, o primeiro diretor nomeado pelo governo de São Paulo, Hermann von Ihering, abriu o museu ao público. Primeiramente se previa para a instituição condição de museu de História natural e panteão destinado a celebrar vultos da Pátria por meio de documentos e imagens, com destaque para a guarda de painel de autoria do pintor Pedro Américo, especialmente encomendado para o Monumento em 1886 e exposto em local de honra, em seu interior.





*Painel de Pedro Américo – Salão de Honra/ Museu Paulista-USP*

Portanto, para celebrar momento de fundação e sediar estudos sobre território, fauna e flora, o Museu primeiramente organizou seus acervos. Hermann von Ihering permaneceu à frente da instituição de 1895 a 1916, quando foi substituído. Em 1917, Affonso d’Escagnolle Taunay foi nomeado para o cargo, nele permanecendo até 1945. Dentre suas incumbências, postas já no momento de sua posse, estava a preparação da instituição para comemoração do Centenário da Independência, em 1922; para tanto liderou importante trabalho de adequação dos espaços expositivos que resultou em conjunto museográfico formado pelo hall monumental, escadarias e salão de honra que, por sua significância mantém-se, em sua concepção e decoração básicas, até os dias de hoje.



*Museu Paulista – conjunto formado por escadaria, hall monumental e salão nobre.*

No desempenho de suas funções, Taunay cuidou de reunir expressivo acervo – iconográfico, tridimensional, textual e bibliográfico que serviu como sustentação para a narrativa que construía, sobre o passado da nação. Engenheiro, biógrafos de Taunay afirmam que, no cargo, ele “se fez historiador”. Preocupado em legitimar seu trabalho, partilhou de uma concepção de escrita da História que atribuía aos documentos, enquanto testemunhos, papel essencial para o pesquisador, que neles se basearia para reconstituir o passado. Na direção de instituição que deveria, do seu ponto de vista, encontrar sua vocação enquanto Museu de História, apto a “instruir” o público, quanto ao seu passado e identidade, Taunay cuidou de pesquisar, preservar fisicamente, catalogar e expor (aqui entendido como tornar público de diferentes maneiras – ou seja, através de textos, exposições, catálogos) o que acolhia e entendia como “testemunhos” de um passado nacional.

Neste conjunto de iniciativas, destaco dimensão instigante do trabalho de Affonso de Taunay, ou seja, a musealização de acervos pessoais, que, ao serem acolhidos e “legitimados” pela instituição, se constituíram como “documentos-monumentos”, ou seja, fontes para o estudo do passado. Pessoas costumam guardar cartas, fotografias, documentos de trabalho, registros de viagens, diários, diplomas, comprovantes, recibos, títulos, honrarias, recortes de periódicos que acompanharam suas trajetórias de vida. O “juntar” de papéis pode tanto significar uma intenção de preservar momentos ou lembranças como pode, também, simplesmente ser resultado de necessidades da vida cotidiana que, de alguma forma geram papéis que vão se acumulando, com o passar dos anos. Neste correr dos anos, e ao passar por diferentes mãos, que atuam como “guardiãs” destes “vestígios” pessoais, voltam a sofrer, em seu movimento de acumulação e preservação, processo de seleção e descarte. Esta intervenção junto aos documentos preservados parte não só de quem os produziu ou reuniu, mas, especialmente, de auxiliares pessoais, familiares ou amigos, que se encarregaram de resguardá-los e, de alguma forma, sobre eles atuaram, ao custodiar, acondicionar e, conseqüentemente, descartar e rearranjar.

Da custódia familiar ou pessoal para o acolhimento em instituição museal ou arquivo um conjunto de procedimentos atuava sobre os documentos, antes que a eles fosse conferida a condição de testemunho “acolhido”, portanto acreditado, porque legitimado pelo espaço que o disponibilizava para consulta. Ao “eu-testemunho” do autor ou de quem reuniu a documentação agregava-se o “eu-acredito” do pesquisador ou instituição, que a acolhia e referendava. Desta forma, o conjunto documental passava a ser referenciado e admitido por outros pesquisadores, que deles lançavam mão para elaborar suas reconstituições do passado. O testemunho

passava assim a fonte; desta relação e por ela, narrativas sobre o passado eram apresentadas. Por sua natureza, conjunto de “relatos em documentos”, os arquivos pessoais, adquiridos ou recebidos em doação, foram integrados e preservados como acervo. Fazer uso deles, tomados como relatos “espontâneos” e legítimos, constituiu estratégia de trabalho para as narrativas desenvolvidas por Affonso Taunay, no Museu Paulista. Esta relação entre documentos, e por conseqüência, acervos e método histórico é referenciada, por diferentes estudiosos, como um dos principais postulados da obra de Taunay historiador. Em conferência de 1914, em seção do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, Taunay fez clara referência ao método que ele acreditava deveria definir o trabalho do historiador: a “única base real da história é o documento desvendado, descoberto, salvo”. Assim, o trabalho do pesquisador deveria se concentrar em encontrar documentação que embasasse versões de fatos e acontecimentos. Cabia ao historiador “desvendar o passado”, buscando documentos – que deveriam ser decifrados, conservados, preservados - para que a verdade histórica fosse revelada; aos museus, instâncias que preservam e expõem o passado, acolher e elaborar discursos, formulando narrativas que se expressavam em textos, objetos e/ou imagens arranjados em exposições e/ou publicações.

Interessante ressaltar que a biografia de Taunay nos sugere laços estreitos com arquivos incorporados ao acervo do Museu Paulista.

Taunay era filho de Alfredo d’Escragnolle Taunay, engenheiro militar e autor de Retirada de Laguna - episódio da Guerra do Paraguai, e de Cristina Teixeira Leite, filha do Barão de Vassouras. Portanto um enlace familiar que uniu importantes servidores da Corte e abastados produtores de café, do Vale do Paraíba fluminense. Casara-se, em São Paulo, com Sara de Souza Queiroz, descendente de importante clã de produtores paulistas que juntava os Souza Queiroz, por lado paterno, e os Vergueiro, por materno. Coincidentemente, são descendentes destas antigas famílias paulistas que doam ao Museu Paulista coleções e fundos de documentos que Taunay acolheu, classificou, publicou e legitimou como fontes, ao usá-los como referência para artigos e obras.

Já no primeiro Relatório de Atividades que publicou, datado de 1918, na Revista do Museu Paulista, Taunay indicou a incorporação ao Museu de documentos que assim apresentou: Relação sumária dos documentos pertencentes à doação tão valiosa feita ao Museu pela Exma. Sra. D. Lydia de Souza Rezende (RMP: 1918, pg. VI). A este conjunto documental, viriam se reunir outros, também por doação de familiares. Ao apreendê-los no seu conjunto, pode-se perceber seu caráter



eminentemente biográfico, especialmente ligado a figuras de homens públicos que participaram do processo de formação do Estado e da Nação brasileiros. Aparentemente, estes documentos teriam sido guardados por seus autores, doados ao Museu por descendentes e recebidos como “testemunhos de vida”.

Ao serem incorporados ao Museu, estes “pedaços de memória”, pessoais e familiares, eram integrados, como coleção ou fundo, e ganhavam unidade e sentido. Estes documentos, assim “organizados”, são, ao mesmo tempo, “testemunho”, portanto a história materializada, e “fontes”, na medida em que eram tomados como referenciais que sustentavam interpretações e relatos. A partir destes acervos, Taunay desenvolveu preciosa produção visual e literária. Especialmente na publicação da Seção de História - Anais do Museu Paulista, Taunay trouxe a público “episódios” da História de São Paulo e do Brasil, vistos do ângulo de importantes personagens, como Pedro I, José Bonifácio e Estevão Ribeiro de Rezende, o Marquês de Valença, em linguagem viva, muitas vezes jocosa, sugerindo detalhes que somente quem pudesse ter presenciado as cenas descritas seria capaz de conhecer. Para o ano de 1922, emblemático para o desenvolvimento do Museu Paulista, Taunay publicou na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, o artigo: “Cartas inéditas da Imperatriz D. Leopoldina a José Bonifácio”. Na introdução, Taunay indicou a origem dos textos e, mais uma vez, percebe-se não só as relações políticas e sociais do autor, como o complexo processo que levou a documentação até o Museu Paulista. Ainda que o autor intente sustentar sua análise na documentação textual acolhida no Museu, evidencia-se esforço de notabilizar grupo familiar que, no/do presente, lançava-se para o passado onde se apresentava como força articuladora do movimento que remetia à gênese da nação.

Valiosíssima dádiva que, ás collecções do Museu Paulista, acaba de fazer o dr. Paulo de Souza Queiroz, de grande parte do archivo do Patriarcha da Independencia – passado ás mãos do primeiro Martim Francisco e destas ás de José Bonifacio, o Moço, e ás da filha deste, a exma. Sra. D. Narcisa Andrada de Sousa Queiroz, esposa do generoso doador (...)

Ao comentar os fragmentos que levava ao leitor, já se incumbiu de instigá-lo sugerindo uma característica dos documentos “bilhetes íntimos” – forma, talvez, de sugerir a especificidade da documentação que trabalhava, ou seja, seu caráter pessoal e privado, mais um fator a conferir-lhe credibilidade.

Portanto, pode-se afirmar que, por meio de documentos, imagens, iconografia e cartografia, Taunay constituía uma base para sua produção – textual e expográfica. Se o produto nos chega para análise, a operação historiográfica que comporta, ou seja, o desenrolar deste processo, nem sempre é efetivamente descrito, restando, apenas, sua transmutação de testemunho em fonte pela disponibilização para consulta, ou seja, sua transferência do âmbito privado para o social. É a autoridade do “lugar social” Museu, constituída pelo trabalho de pesquisa e análise de seus especialistas, que vem assegurar legitimidade aos documentos.

Vestígios deste movimento, no entanto, ainda podem ser recuperados. Ao arquivar os documentos de D. Lydia de Souza Rezende, Taunay deixou registrado:

A escassez do tempo, a multiplicidade dos encargos que incumbem à Directoria do Museu não lhe permittiram dar senão uma relação muito summaria dos documentos constantes da valiosa offerta da Exma. Sra. D. Lydia de Souza Rezende ao Museu: parte do archivo do seu illustre Avô, o Marquez de Valença. As mesmas causas impediram que se fizesse uma catalogação systematisada dos papeis da collecção, limitada por emquanto ao simples arrolamento dos documentos.

Ao dar conta de seu trabalho, o Diretor do Museu explicava-se. Primeiramente, suas justificativas: falta de tempo, multiplicidade de encargos. Em seguida, o que foi feito – uma relação sumária dos documentos. Esta observação pode indicar, por exemplo, que não foi possível arrolar “tudo”, ou até mesmo, arrolar adequadamente. Ao prosseguir, de forma ligeira, deixa em aberto o que pode ser uma “desinformação”: se os documentos foram oferecidos por D. Lydia de Souza Rezende, “neta” do marquês de Valença, resta uma questão: como os documentos chegaram até ela? O avô passou a ela? Ou eles foram reunidos por outro familiar, uma tia ou talvez o pai da doadora, que os recolheu e guardou? Se assim ocorreu, não seria mais apropriado atribuir o acervo ao Barão de Rezende – que o teria reunido, do que ao seu pai, o Marquês de Valença? De certa forma, coube a D. Lydia preservar uma memória familiar comprometida com valores de altruísmo e dedicação. Mas, nada disso se evidencia nas observações de Taunay, a não ser certa “nobreza” da doadora que parece vir de seus insignes ancestrais. Ou seria o contrário?

Ainda persiste outra indicação: ao acolher o conjunto documental, não foi possível ao Diretor do Museu, uma intervenção – ele apenas “arrolou” os papéis, sem “tempo” para sistematizá-los. Ou seja, resta a impressão da preservação da

espontaneidade na reunião dos documentos, o que, de certa forma, realça sua condição de credibilidade.

No entanto, Taunay continua (des)orientando o leitor sobre seu trabalho uma vez que, em seguida, vem o “rol” da documentação. E então, o que pretensamente não fora sistematizado, aparece classificado em títulos:

- Autographos imperiaes; documentos relativos a grandes actos officiaes do primeiro Imperio, etc.
- Collecção de documentos relativos ao Marquez de Valença
- Cartas particulares (sem interesse político)
- Cartas sobre inúmeros assumptos e sobretudo referentes a questões particulares do Marquez, sem grande interesse político em geral.
- Cartas dirigidas ao Marquez de Valença por vultos do 1º. Imperio e pessoas de destaque
- Papéis de família; elementos diversos para o estudo da biographia do Marquez de Valença
- Papeis officiaes diversos, consultas do Conselho de Estado
- Documentos relativos a família Souza Queiroz
- Documentos relativos a invasão de Portugal em 1807
- Diversos

Muito provavelmente, esta não era a “organização” que D. Lydia havia dado aos documentos. Portanto, eles foram rearranjados. Nesta operação aparecem propósitos que, certamente, não faziam parte da documentação, como, por exemplo, a expressão: sem interesse político. Seguramente, o material que compõe o fundo foi objeto de seleção e descarte, não só por parte dos familiares - pois trata-se de doação de terceira geração – como do próprio Taunay. Ao elidir estas referências, no entanto, restou ao conjunto formado certa “inocência” o que contribuía para que seja tomado enquanto “verdade”, porque autêntico retrato/ relato do que se passou - “documento” que embasava a escrita da história. O método ganhava contornos instigantes. E a verdade que o relato trazia sugere operações e trabalho de quem narra, ainda que se proponha enquanto observador isento.

Acompanhando os “Relatórios de Atividades” desenvolvidos por Taunay é possível recompor, em grande parte, o movimento que levou à formação dos acervos do Museu Paulista, durante sua gestão. Em uma rubrica especial - Dádivas, o Diretor indicava seus colaboradores. Uma investigação mais atenta destes colaboradores



de Taunay vai apontar para diferentes formas de apoio, quer sejam doações em dinheiro, em peças, em quadros, e, até mesmo, em produtos químicos para conservação de acervo, como álcool e formol. Quem eram estes beneméritos do Museu Paulista? Apesar de numerosos e diversificados, um grupo se destaca – cafeicultores e lideranças do agro-negócio, especialmente a rede familiar e de negócios formada pelas famílias Souza Queiroz, Vergueiro e Mesquita. Inúmeras vezes Henrique de Souza Queiroz, Antonio de Queiroz Telles, D. Victalina de Souza Queiroz, Paulo de Souza Queiroz são indicados como parceiros do Museu, por seu Diretor. Já em 1917, entre os objetos incorporados ao acervo do Museu encontram-se referências à doação da Câmara de São Vicente de lápide e restos do antigo pelourinho da vila, por indicação de Benedicto Calixto. No entanto, a doação da Câmara foi resultado de gestões desenvolvidas por Pérsio de Souza Queiroz, seu cunhado, no convencimento dos vereadores sobre a conveniência de depositar estes “documentos” no Museu Paulista. Também uma carta resposta, de Luiz Albino Barbosa de Oliveira, preservada no Fundo Museu Paulista, dava conta de duas telas a serem abrigadas no Museu, retratando Francisco Ignácio de Souza Queiroz e D. Francisca Miquelina de Souza Queiroz. Já se apresentava a intenção de Affonso de Taunay em dar materialidade ou visualidade a determinados “vultos do passado” – no caso, figuras ligadas aos embates, em São Paulo, em torno da Independência e, da mesma forma, origem da família Souza Queiroz – negociantes paulistas e proprietários de terras, do início do século XIX. Assim, o diretor do Museu Paulista colaborava, de forma decisiva, no delinear de um imaginário que atribuía a alguns protagonistas o poder de construir a nação.

Da mesma forma, para sustentar projeto museológico que remetia a uma identidade nacional e paulista, Affonso Taunay buscou sempre concretude que conferisse legitimidade e credibilidade àquilo que narrava. Primeiramente, o recolhimento de um conjunto cartográfico (a se considerar que aos mapas atribuía-se a condição de dar “materialidade” na representação do território nacional) e, em seguida, a preocupação em incorporar e valorizar as produções de “viajantes”, tomadas como reproduções “fotográficas” de um determinado espaço/momento do passado, notadamente o século XIX. Assim, a credibilidade da instituição se construía na mesma proporção em que Taunay acolhia artefatos, documentos e transmutava-os em objetos e pinturas. Uma visão do passado ganhava tangibilidade – e nela repousava uma escrita da história que se intentava em método, portanto “científica”. A partir de um trabalho metuculoso e intenso de recolhimento e/ou produção de documentos, objetos, mapas, iconografia, literatura o Diretor do Museu Paulista (re)construía um passado para o Brasil e para São Paulo que se apresentava verdadeiro porque ancorado em vestígios, acolhidos e monumentalizados no Museu.

### ***Referencias Bibliográficas.***

---

**ALVES, Ana Maria de Alencar.** O Ipiranga apropriado: ciência, política e poder: o Museu Paulista, 1893-1922. São Paulo: Humanitas/FFLCH-USP, 2001.

**ANHEZINI, Karina.** Museu Paulista e trocas intelectuais na escrita da História de Affonso de Taunay. Anais do Museu Paulista. São Paulo. N. Sér., v.10/11, pgs. 37-60, 2002-2003.

**DOSSE, François.** Os três mastros entre dois recifes. A história entre vigilância e ficção. In: FERREIRA, Marieta de Moraes (org.) memória e identidade nacional. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010. pgs. 15-30.

**GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado.** (org.) Estudos sobre a escrita da História. Rio de Janeiro: Sete Letras, 2007.

\_\_\_\_\_. Vendo o passado: representação e a escrita da história. Anais do Museu Paulista. São Paulo. N. Sér., v.15, n.2, pgs.11-30, jul.-dez. 2007.

**HARTOG, François.** Évidence de l'histoire. Ce que voient les historiens. Paris: Éditions de l'École des hautes études em sciences sociales, 2005.

**HEIZER, Lada; VIEDEIRA, Antonio Augusto Passos.** (orgs.). Ciência, civilização e república nos trópicos. Rio de Janeiro: Mauad X : Faperj, 2010.

**MATTOS, Claudia Valladão; OLIVEIRA, Cecília Helena de Salles** (orgs.). O brado do Ipiranga. São Paulo: EDUSP/Museu paulista, 1990.

**Rossi, PAOLO.** O passado, a memória, o esquecimento: seis ensaios da história das idéias. São Paulo: Editora UNESP, 2010.